

XXIV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS
25 A 29 DE OUTUBRO DE 2005

GT27: VIOLÊNCIA, CONFLITOS E PRÁTICAS CULTURAIS

Memória: Violência, política e parentesco no
Sertão de Pernambuco

Jorge Mattar Villela – UFSCAR

1. Introdução

Em diversas formações sociais, atuais ou históricas, a força das armas cria reputação, respeito, hierarquia. Forma grupos capazes de empregar a justiça, de comandar a política, de regular a ética e a moral. Em muitos casos, como aconteceu na Idade Média europeia (Duby s/d; 1988 [1973]), na Grécia Micênica (Vernant 1991 e 2001; Detienne 1967) e na Idade Clássica (Detienne 1967; Campbell 1992) em sociedades ameríndias (Clastres 2004 [1977]), assim como em sociedades históricas ou atuais marcadas pelo banditismo (cf. Hobsbawm 1972 [1969]), o uso das armas é, também, capaz de produzir memórias de feitos heróicos, de lançar para a eternidade os nomes dos seus autores; em alguns desses casos, de produzir especialistas que as transmitam pela oralidade ou pela escrita através das gerações. As características concernentes aos homens de armas podem ligar-se a linhas de ascendência e descendência, ou seja, ao parentesco e a famílias às quais as qualidades da coragem e da bravura aparecem pregadas indissociavelmente, carregadas pelo “sangue”. Nas sociedades em que a guerra e o saque são legais ou legítimos, ambos ocupam os espaços centrais da vida coletiva. Naquelas em que são ilegais, embora legitimados por outras instâncias, ocupam nichos marginais constantemente empurrados para o centro dos acontecimentos. Este parece ser o caso aqui em foco, o do Sertão de Pernambuco.

O texto a seguir, fundamentado em pesquisa iniciada há um ano visa, abordar, em simultâneo, quatro fatores que influenciam, algumas vezes decisivamente, o cotidiano de um grupo de famílias com que estabeleci relações de colaboração em minha pesquisa de campo para a elaboração da tese de doutorado¹. Esses fatores são, a saber, a memória, a violência, a política e o parentesco. Embora circunscrita a este universo de pesquisa, a

¹ *O Povo em Armas. Violência e Política no Sertão de Pernambuco*. Tese de Doutorado defendida no PPGAS do Museu Nacional, sob a orientação do professor Marcio Goldman em agosto de 2003. Posteriormente publicada parcialmente com o mesmo título (Rio de Janeiro, Relume Dumará 2004).

importância destes quatro aspectos pode ser ampliada a uma grande fatia da população dos municípios onde vivem as famílias. Uma das propostas da pesquisa é desvendar os modos como cada um interfere nos demais e explicar os motivos que determinam o aspecto indissociável através do qual eles se apresentaram até agora em minhas investigações.

A pesquisa é conduzida sobretudo entre os antigos informantes. Foram privilegiados os membros de cinco famílias. Em razão do sistema de parentesco bilateral, elas não formam, cada uma, unidades fechadas e absolutamente distintas, havendo indivíduos pertencentes a mais de uma dessas cinco famílias reconhecidas enquanto tais entre os nativos. Elas são ligadas entre si, reconhecidamente, por laços de parentesco afim ou por ligações de proximidade variável na genealogia. Não é o lugar aqui para desenvolver mais detalhadamente essa dinâmica da organização da família e do parentesco nesse universo social². Para efeitos de organização da pesquisa, e sem trair formas locais de identificação das famílias, os cinco grupos serão distinguidos pelas características que se seguem. Duas das famílias são lideranças políticas em seus respectivos municípios (Jordânia e Monsanto) e portanto têm forte inserção nas suas sedes urbanas; uma terceira tem membros seus residentes na zona rural, uma área situada na divisa entre esses dois municípios e outros que vivem numa e noutra sede municipal; as outras duas são inseridas no meio político, sem contudo ocuparem as posições dominantes desse cenário, dividindo-se entre residentes em ambiente rural e urbano, em Monsanto, Monte Verde e Jordânia³ (ver adiante a caracterização mais específica desses três municípios). Vale sublinhar que a divisão entre rural e urbano é

² A esse respeito ver Villela (2003 e 2004) e sobretudo Marques (2002 e 2002a)

³ Os municípios abrangidos pela pesquisa receberam os pseudônimos de Jordânia, Monsanto e Monte Verde nos trabalhos publicados (Marques 2003; Villela, no prelo; Villela e Marques 2002). Situam-se todos às margens do rio Pajeú. Todos os nomes de pessoas e lugares são fictícios, por dois motivos: primeiro, para resguardar as identidades dos intervenientes diretos e indiretos das situações relatadas, assim como os narradores dos fatos apresentados. Depois, em função dos compromissos firmados por mim junto aos colaboradores que depositaram em minha palavra tanta confiança quando dos períodos de campo anteriores.

analítica, embora em certa medida reproduza a divisão nativa entre “mato” e “rua”, uma vez que as atividades profissionais e econômicas, as normas de etiquetas e de convívio obrigam que todos transitem e de alguma forma façam parte de um e de outro ambiente. Para além desses coladores mais íntimos, em função das permanências anteriores, a conto atualmente um número considerável de informantes mais ou menos dispersos. Cada um carrega consigo um grupo familiar e, conseqüentemente, uma memória genealógica, política e relativa à violência e que, juntas, formam uma reputação. Eles fazem parte de um leque variado e diverso de meios sócio-econômicos. Entre eles há agricultores, comerciantes de diversos portes, criadores de gado, funcionários municipais, juizes de direitos, médicos e prestadores de serviços.

O trabalho de campo que efetuei para a tese de doutorado estabeleceu as fronteiras da pesquisa que ora levo a efeito: dois municípios da mesorregião do Sertão e um da mesorregião do São Francisco são o seu alvo privilegiado. Tratam-se de três municípios de dimensões e desenvolvimento variado, sendo que dois deles (Monsanto e Jordânia) situam-se na zona ecológica do semi-árido, qualificado pelos nativos como *sertão* e um (Monte Verde), cuja altitude ultrapassa um pouco os mil metros, situa-se na zona ecológica, e qualificada pelos habitantes, do *brejo*. Dos três municípios Monsanto é o mais populoso, desenvolvido e importante politicamente. Sua população é de cerca 70 mil hab. Jordânia conta com aproximadamente 20 mil hab. e Monte Verde com cerca de 16 mil. Monsanto e Monte Verde, situam-se na mesorregião do Sertão (microrregião do Vale do Pajeú), ao passo que Jordânia situa-se na mesorregião do São Francisco (microrregião de Itaparica). As principais atividades econômicas de Monsanto e Jordânia são a pecuária extensiva caprina e bovina e a agricultura de vazante e revência, sobretudo de milho e feijão. Em razão de um regime climático mais ameno, a principal atividade produtiva em Monte Verde é o plantio de cana-de-açúcar associada à manufatura de rapadura, seguida por uma produção de frutas, verduras e legumes. Por

sua localização, os três municípios estão sujeitos a duras e sucessivas estiagens. Por isso, durante longos períodos suas administrações sobrevivem fortemente (embora suas arrecadações não cheguem a ser irrisórias) dos Fundos de Participação de Municípios e a população socorre-se das aposentadorias rurais, do auxílio maternidade, das cestas básicas, das bolsas de emergência distribuídas a uma pequena parcela da população e de favores prestados pelos envolvidos na atividade política.

No plano ilegal, a principal atividade é o plantio de maconha. Os municípios são ainda famosos pela presença de pistoleiros que trabalham por encomenda, o que transforma os assassinatos em mais uma fonte de recursos tangíveis, mas também intangíveis, esses últimos expressando-se através da memória. Um vingador ou um pistoleiro poderá adquirir celebridade na sua comunidade, tão dificilmente obtível por êxitos econômicos quanto por êxitos morais, que se expressa em narrativas orais ou escritas que constituem o registro da memória coletiva.

Segundo minhas observações, pude distinguir dois tipos de detentores dessa memória, responsáveis pela variação das formas que ela assume. Aqueles a que chamarei memorialistas preservam e difundem uma memória especializada na política e na genealogia de famílias predominantes em determinada área político-territorial⁴. Fazem-no por via oral e ocasionalmente através de registros escritos que de costume assumem a forma de um compêndio genealógico misturado ao registro de acontecimentos marcantes no âmbito de uma família, de uma comunidade local (um município, um distrito, uma “ribeira”, “sítio” ou “fazenda”, por exemplo) ou da história pessoal de alguns indivíduos *ilustres*. A segunda forma, difusa, diz respeito a uma memória das reputações familiares ou individuais, mutáveis no tempo e de acordo com os feitos registrados por uma

⁴ Zonabend (2000: 512) identifica essa faceta política da memória genealógica: “os que se tornam os mestres das genealogias desempenham um papel fundamental nas estratégias políticas e gozam, assim, de um estatuto particular”. Zonabend (idem :509) define assim a memória genealógica, segundo seu campo de pesquisa, como precisa, especializada, visa a acumulação de nomes de pessoas da família, é forte e ampla, em contínuo arranjo e expansão. Essas características coincidem com as que pude detectar em meu campo.

coletividade. Ela é detida, de modo mais fragmentário e superficial, um pouco por cada um dos membros de uma coletividade dada (uma família, os habitantes de alguma localidade, por exemplo). Embora distinguíveis, essas duas formas de memória provavelmente alimentam-se mutuamente.

A genealogia, exposta nas vastas listas dos memorialistas, apresenta um aspecto de virtualidade que costuma atualizar-se em trechos. A genealogia no *sertão* não é apenas “um instrumento usado pelos que estudam parentesco”. Ela é sobretudo “um instrumento usado pelos atores que operam, e não meramente observam, os sistemas de parentesco” (Barnes 1967 :103), não sendo, ao mesmo tempo, uma quimera, nem muito menos o objeto exclusivamente calculista dos indivíduos. No *sertão*, ela assemelha-se ao que Evans-Pritchard disse dos Sanusi: “é concebida como uma família gigantesca que descende de um ancestral comum”, chamado *tronco* em Jordânia, por exemplo, “de quem a tribo geralmente assume o nome. Daí seus segmentos podem apresentar-se tanto como uma série de seções políticas como de ramos genealógicos de um clã (Evans-Pritchard 1973 [1955] : 55). Sob sua forma de árvore, é uma espécie de totalidade incapaz de açambarcar suas partes atuais, mas compõe com elas mais uma parte sempre pronta a atuar, mesmo no discurso dos não especialistas. Estes últimos são capazes de apenas referir-se à genealogia de poucas gerações e de montar um quadro de parentesco mais próximo. Mas não desconhecem freqüentemente seu parentesco com pessoas distantes num reconhecimento que se expressa sob a fórmula: “ainda é parente” ou “ainda é meu primo”. São ainda capazes de coincidir opiniões com as dos genealogistas mais abertos ao contato do parentesco com agrupamentos familiares distantes e adversários. Desta usa-se esta expressão: “é tudo braiado”, quer dizer, todos são parentes uns dos outros, indistintamente. Nesse nível a genealogia atinge seu máximo poder de totalização ao mesmo tempo em que se afasta de sua possibilidade de atualização. A genealogia e o parentesco, nas mãos dos não especialistas, revela a força do “rizoma” (Deleuze e

Guattari 1980) em meio à própria árvore. As inúmeras ligações decorrentes dos casamentos, da filiação indiferenciada, e das adesões a um ou outro sobrenome segundo as preferências dos cônjuges, são as próprias condições de possibilidade para os cortes, recortes e ligações das pontas quebradas das linhas genealógicas. Os grupos de parentesco não são, portanto, grupos corporados, ou seja, isolados a englobar a totalidade das pertencas de seus indivíduos. Eram antes, tal como propôs Favret para as sociedades árabes, “feixes de relações específicas e condicionais” (Favret 1968 :26).

2. Breve Reflexão Teórica Associada aos Dados de Campo

A investigação a respeito da memória coletiva tem como marco reconhecido os textos provenientes de um membro da Escola Sociológica Francesa (Halbwachs 1925; 1929 [1924]; 1950)⁵. Como dileto seguidor de Durkheim, Halbwachs inseriu a memória num quadro social, do qual dependiam representações, noções e idéias necessariamente coletivas e atuais. A memória, a partir de então, torna-se reconstrução (ou refacção, como prefere Bosi 1983) e não revificação do passado, prisioneira que é das representações do presente⁶. Ela é reconstrução, sempre parcial e seletiva, de um passado referenciado pelos quadros da representação social. A memória pessoal torna-se, então, além de um elemento coesivo, um ponto de vista da memória coletiva. Esse ponto de vista é determinado pelo lugar que o indivíduo ocupa no grupo e é mutante segundo as relações estabelecidas com outros meios. Para Halbwachs, as pessoas são capazes de lembrar

⁵ Há, contudo, quem reconheça em textos anteriores de Halbwachs (e.g. 1912) a sua primeira abordagem dos quadros sociais da memória (Santos 2003).

⁶ Neste ponto as teorias sociológicas de Halbwachs tocam-se intimamente com as da psicologia social de Barlett NIETZCHE, Friedrich (1912[1888]) *La Généalogie de la Morale*. Paris: Mercure de France.

NIETZCHE, Friedrich (1912[1888]) *La Généalogie de la Morale*. Paris: Mercure de France.

1932) em seu conceito de "convencionalização". É ainda digno de nota que, também segundo Bergson, antigo mestre de Halbwachs e contra quem as suas inovações se voltaram, mesmo a memória-lembrança (*mémoire-souvenir*), só pode se atualizar nos níveis da consciência através do corpo, órgão, ao lado da consciência, voltado exclusivamente para o presente (Bergson 1934 [1896]).

aquilo a que são remetidas por um quadro social ou político, no interior de um contexto que se modifica no fio do tempo, sendo que normas e valores desempenham um papel importante e influente na memória. As memórias individuais tornam-se apenas a manifestação da memória do grupo. Halbwachs, portanto, tornou a memória, até então objeto da psicologia, um objeto da sociologia, obra mesma da coletividade.

O quadro fixado por Halbwachs fez escola. Segundo Goody (1968), por exemplo, nas culturas ágrafas as idéias e atitudes referentes ao passado tendem a refletir preocupações presentes. O movimento, portanto, é o de uma invasão do presente no passado. Assim costumam entender as demais teorias relativas à memória, desde o fundador dos estudos da memória coletiva (Halbwachs 1925; 1929; 1939; 1950), até os trabalhos mais atuais de pesquisadores como Remjinse (2003), passando por autores de épocas diversas como Malinowski (1922), Bloch (1977) e Goody e Watt (1963). Desde a idéia de uma tradição inventada (Hobsbawm e Ranger 1983) até as belas fórmulas segundo as quais a tradição é uma imagem movente do passado (Rabinow 1975), todas parecem presas a esse modelo hegemônico. É apenas quando a memória fixa-se na escrita que, segue Goody (1968), o “passado pode representar mais do que uma extensão (...) do presente”.

De certa forma, não desprezo este aspecto da memória e até mesmo o privilegio neste estudo. Mas procuro levantar aqui uma outra hipótese, de forma alguma nova, embora algo abandonada. A possibilidade da invasão constante do passado num presente que insiste em recalá-lo através de expedientes de valoração negativa, de irrisão e de escárnio. Note-se que existem anedotas que ridicularizam costumes e valores locais quando levados às últimas conseqüências. Para citar apenas uma das que recolhi, conta-se que há muito tempo houve uma briga entre dois grupos numa vila e que, como mediador do conflito, foi convocado o sub-delegado que, por ter de viajar, entregou a

chave da cadeia para os protagonistas e mandou que “se prendessem” até seu regresso, no que foi prontamente atendido. Esse caso ilustra como alguns dos valores principais do Vale (hierarquia e obediência) podem, quando levados ao paroxismo, ser motivo de derrisão. Como exemplos de histórias recolhidas em campo consideradas reais pelos informantes, conta-se que um jovem fora cortado de faca durante um baile. Ao chegar em casa, foi considerado *desmoralizado* pelo pai que o proibiu de ali residir antes que se moralizasse. O jovem tornou-se um célebre cangaceiro e a atitude do pai é avaliada como um ato de *ignorância*, ou seja, relativa ao passado.

Um determinado interesse que unifica muitas vezes a memória social e a reconstrução histórica (voltarei brevemente a este ponto adiante), dá ensejo a um uso do passado que visa muito mais o presente e o futuro. Em sua crítica à concepção ilimitada do passado promovida, segundo ele, por Malinowski e Durkheim, Appadurai (1981) sugere a existência de normas culturalmente variáveis, mas cuja função é universal, que regulam a possibilidade de debater o passado e, assim, torná-lo um “recurso escasso” (Appadurai 1981). Escassa ou ilimitada, a possibilidade de debates envolvendo a construção ou recriação do passado, abre as portas para a produção política de versões ou, para usar o vocabulário de Cohen e Comaroff (1976), do gerenciamento do significado, ou seja, a disputa em torno do estabelecimento de valores, hierarquias e interpretações impostas por uma parte hegemônica sobre outras. E a disputa pelo controle, refacção do passado e produção de versões que aproximem a historiografia do mito (Herzfeld 1985) não é exclusiva da oralidade. A essa disputa Appadurai sobrepõe a necessidade de uma grade cultural que defina tais debates. A hipótese de Appadurai é relevante para este projeto por liberar a idéia do passado como elemento de debate e divisão no presente, sem contudo conferir ao presente absoluta liberdade de invenção do passado.

As ligações entre passado e presente foram abordadas também sob duas principais formas (Peel 1984). Por um lado, como atividade prática organizada por estruturas passadas, de acordo com a proposta de Sahlins (2000 [1981]; 1994 [1985]), ou seja, as atividades práticas são continuamente organizadas por estruturas de significância⁷; por outro, através de uma representação ideal do passado derivada do trabalho prático do presente baseado nas evidências atuais do passado – aí incluída a memória. Bohanan (1953 :310) sugeriu que a reorganização do passado se dá em função das modificações atuais, visando mostrar que as práticas presentes são governadas pelas do passado.

Em todas essas abordagens, assim como na idéia de uma “nostalgia estrutural” (Herzfeld 1997; 2004) – ou seja, o desejo por um passado cuja marca principal são os valores purificados de retidão, equilíbrio e respeito mútuo –, o passado pesa sobre o presente como um modelo, um quadro positivo inspirador da ação, assim como sugeriu também Champagne, para quem a memória coletiva fixa formas de agir e de pensar (1975 :53). Mas é preciso reconhecer que essas formas podem não seguir, mas antes rejeitar, o conteúdo desta memória. Herzfeld (1991; 2004 :31) mostra, por exemplo, e neste mesmo sentido, a “ambivalência da tradição”, cujos sinais, positivo ou negativo, o contexto e o ângulo de visão determinam a sua interpretação.

Segundo minhas observações e dados de que disponho neste ponto da pesquisa, o passado é, para os habitantes dos municípios enquadrados, um modo de ratificar os comportamentos presentes, mas de duas maneiras diferentes. Por um lado, avalia-se o passado como o tempo da fartura, do respeito, da tranqüilidade, da pureza, do *carrancismo* ou, em uma palavra, da *ordem*. No tempo atual, as relações sociais mostram-se desordenadas ou, em certos casos, invertidas em relação ao que eram no

⁷ Além de introduzir, através da prática, a estrutura no seio da história, Sahlins (2000 [1981]) mostra como a modificação das categorias sociais pela ação é capaz, por meio da repetição, de alterar a estrutura. A chave situa-se na relação entre a repetição fincada no mito (estrutura) e a diferença (tempo) encarnada no evento.

passado. É bem verdade que essa perspectiva não se apresenta politicamente neutra. Ela é nostálgica, conforme notou Hill (1992) a propósito de outro contexto social, de um tempo em que as hierarquias estavam todas em seus lugares e os considerados inferiores se comportavam como tal; daí a noção de *ordem*.

Por outro lado, avalia-se o passado como o tempo do excessivo rigor moral, da seca, do abandono, da violência, da *ignorância* ou, em uma palavra, do *atraso* (ou do *carrancismo*). O passado, portanto, é alvo de uma dupla avaliação, positiva e negativa. Ambas são capazes, à sua maneira e sob determinados métodos específicos, de invadir o presente cotidianamente. Por exemplo, o caso do rapaz esfaqueado no baile e tornado cangaceiro, é negativo porque expressa o tempo da *ignorância*. Mas é positivo porque explica o motivo essencial do comportamento nobre do rapaz depois de tornado cangaceiro. Nobreza, educação, respeito, obediência, fidelidade, lealdade são traços apreciados no presente, ao mesmo tempo que raros, mas considerados freqüentes no passado em função da *criação* que os pais davam aos filhos. Hoje, ao contrário, nesta época de inversões (o mundo de pernas para o ar) são os pais que obedecem aos filhos.

No entanto, o mundo está de pernas para o ar, não apenas no domínio dos homens. A escassez de ordem faz-se sentir também nos fenômenos naturais. As secas cada vez mais prolongadas e freqüentes, o esgotamento dos recursos, a raridade dos alimentos, o açoreamento dos rios. Eventos que refletem algumas previsões de beatos antigos: “um dia o povo vai beber água de cacimba do São Francisco”, teria dito o Padre Cícero, segundo alguns, ou o Padre Ibiapina, segundo outros. De todo modo, as avaliações são ambíguas. Não se sabe ainda muito bem se esses distúrbios são as causas ou os efeitos do comportamento dos homens. Se foi ele quem inverteu (ou extinguiu, conforme preferem alguns: “a ordem acabou em 1970”) a ordem do mundo ou

se tal inversão é a causa da liquidação das hierarquias e dos valores da sociedade humana.

De todo modo, é notável como a memória, além de reescrever o passado, de fornecer um quadro presente para a ação, é capaz ainda de orientar a temporalidade na medida em que promove rupturas temporais e estabelece continuidades.

Ela é ainda um meio de produzir versões do passado, uma disputa, entre grupos de famílias, associada ao jogo político. E uma tal diferenciação de versões se faz por meio da genealogia. Pesquisadores locais disputam o nome do fundador da localidade, expõe como provas documentos como inventários, locações, títulos de posse e propriedade. Ligado ao interesse da coletividade à qual subscreve, está o interesse mais circunscrito à sua família mais próxima⁸: colocar-se na ascendência de um ancestral ilustre. Inversamente, a escrita da história funciona como meio de celebrar os seus antepassados incontestes.

3. Memória: Família, Política e Violência

Assim como diversas sociedades calcadas no universo rural, as populações do Vale do Pajeú reservam um grande peso às relações de parentesco⁹. As relações familiares – com sua indissociável componente territorial – são um dos dispositivos que desencadeiam o processo mnemônico. Lembremos, com Pollak (1989 :9), que coesão e

⁸ *Família* é um termo polissêmico. Pode significar desde o conjunto muito alargado da genealogia e que extrapola a própria circunscrição do sobrenome, até a *casa* (ou *dentro de casa*), ou seja, a família conjugal. Como o sistema de herança efetua partilhas de terras entre os filhos, o parentesco e a genealogia se fazem tanto no registro temporal quanto no registro espacial (Peters 1977 :78). De modo que a distribuição residencial das *linhagens* obedece muitas vezes no ambiente urbano o regime de proximidade existente no ambiente rural.

⁹ Conforme apontou Schneider (1980 [1968]), embora reduzindo a definição às “sociedades camponesas” e “primitivas” (*id* :vii), diversas instituições são construídas em torno ou como partes do próprio sistema de parentesco. A esse respeito, são dignas de nota as apreciações de Cândido (1951), ao referir a mudanças das funções familiares ao longo da história e do território brasileiro. Ele lembra o recuo da importância da família na economia e na política, não sem, contudo, descurar a imensa variação possível segundo as regiões do país, referindo-se a um estudo de Romero (1907 *apud* Cândido *id.* : 305).

fronteira são funções da memória. As pessoas sentem-se curiosas a respeito de seus ancestrais e das relações de parentesco que as ligam a outras pessoas e envergonham-se da impossibilidade de explicá-las.

A genealogia não está desligada, a despeito da classe social das famílias, de um outro dispositivo que tem o mesmo efeito sobre a memória: a política, sobretudo a eleitoral. Todas as histórias políticas municipais reconstituem genealogicamente – muitas vezes através de minuciosas pesquisas em arquivos – as relações familiares das principais eminências de seus municípios. Não são raras as publicações de historiadores locais versando simultaneamente sobre a história municipal, a história familiar e a história de brigas de famílias (que muitas vezes são também brigas políticas, e.g. Correia (mimeo); Ferraz 2003 [1957]; Ferraz 1999; Ferraz de Sá 1978; Gominho 1992; Gominho 1996; Gominho (mimeo); Lira 1991; Lorena 2001; Novaes de Sá 1998; Queiroz 1985; Wilson 1974 e 1978. Ou ainda aquelas que exaltem a grande valentia de um antepassado ilustre, eg. Torres Filho 2004). Portanto, pode-se falar, com Cañedo (1998), de uma memória política permeando a memória genealógica que formula um “capital político familiar”¹⁰. Um dos relatos mais significativos provenientes do mais recente período em campo, vem de uma candidata a vereadora no município de Jordânia para as eleições de 2004. São duas situações diferentes. A primeira, numa conversa comigo e com seu marido, em sua casa. C é a esposa candidata e B é o marido

C - Quando Reginaldo entrou [no PSDB] eu já estava. Muita gente saiu, inclusive Bertoldo. Mas eu permaneci, também num ligava pra isso, permaneci. Quando agora eu quis me candidatar, por essas questões, não tava nem pensando nisso, aí eu tive que conversar com Reginaldo que agora é o majoritário do partido é ele, né? Aí eu sem ser do partido dele, nunca votei com ele, mas fui falar com ele, por sinal na assembleia no Recife e ele me recebeu numa familiaridade assim que eu disse pra ele: num tô entendendo! Aí eu disse: o que? Você me conhece? Conheço, aí foi dizendo, você é fulana, filha de fulana, neta de fulana, não sei o que. Eu

¹⁰ De modo a rejeitar que as esferas do político – público – e da família – privada – comumente tratadas separadamente nas sociedades democráticas, sejam domínios estanques ou “dois mundos impermeáveis” (Cañedo 1994).

digo: eu votei 20 anos numa família, numa pessoa que eu é que tinha que dizer tudo isso aí tudinho, né?

B – Sou fulano de tal, filho de fulano...

C – Aí, pronto, foi tudo maravilhoso, né? E eu tô contente com o homem, acho o homem legal à beça. Tá, como eu perdi muito tempo!

B – Toda vez que a gente se dirigisse tem que se apresentar e a gente via na cara que pensava que a gente ia pedir alguma coisa.

C – É. A gente! Ainda bem que tem Bertoldo que tem aprofundamento em genealogia que gente tinha que dizer todinha pra apresentar o homem. E nunca fomos à busca de nada. Até que a gente enjoou. Quero mudança, quero inovação.

N – vamos ouvir a proposta do outro lado pra ver

A conversa vinha a propósito da mudança de partido. A família a quem parte da família do casal acompanhava politicamente migrou do PSDB para o PP e ela foi das poucas que permaneceu porque “não ligava pra isso”, ou seja, não queria saber de política. Até o dia em que resolveu de candidatar e, para tal, teve de conversar com uma das lideranças locais da família rival que desde que seus adversários saíram do PSDB colonizaram este partido no município. Sua surpresa foi ser reconhecida por alguém em quem nunca havia votado, ao passo que era ignorada pelos em quem votara durante 20 anos. Em ambos os casos, o conhecimento se dava por meio do desfile dos ancestrais, única forma de mostrar reconhecimento por alguém e fazer-se reconhecer e receber algum prestígio por outros.

A outra situação ocorreu em suas participações nos comícios. Uma de suas principais mensagens era recordar os eleitores da importância política de sua família na história do município. Ele então dizia que o primeiro prefeito da cidade fora seu bisavô, que fora com a aliança política entre seu avô e o pai do candidato a prefeito que apoiava em 2004 que foram construídos o hospital municipal e a escola pública e que, enfim, ela fazia parte de uma das maiores e mais antigas famílias de Jordânia que reinara

politicamente naquele município durante as primeiras décadas de sua emancipação. Tudo isso se faz montado na reconstrução da árvore genealógica¹¹.

Porque a genealogia não é um dado; e no entanto não é uma quimera ou um mero “idioma” para a tradução de relações políticas (Bohannan “A Genealogical Charter” *África* 22:301-315 1952). Mesmo a genealogia, totalidade virtual, atualizada em trechos voltados para a ação, não é um dado. Ela é um instrumento de criação, perpetuação e confirmação de laços de filiação e afinidade. É possível formular-se diversas genealogias para um indivíduo, em função, por exemplo, da filiação bilateral. A escolha de um dos sobrenomes embute inapelavelmente um elemento rizomático (Deleuze e Guattari 1980) no coração da árvore genealógica¹². E essa escolha é efetuada por meio de diversos critérios; o mais relevante é o que liga o parentesco à opção política.

Por este motivo, uma etnografia do processo político eleitoral é indispensável para a compreensão da reconstituição da genealogia. O “tempo da política” (Palmeira e Heredia 1993) é responsável por modificações, rupturas e rearranjos nos segmentos familiares que passam a obedecer às adesões políticas; sendo que, por outro lado, o passado genealógico insinua-se, indiscernível, no interior do processo político (cf. Villela 2003 e Villela e Marques 2002). Uma memória na qual o esquecimento desempenha um

¹¹ No entanto, a memória também opera prospectivamente. Como a carreira política supõe, ao no município de nossa candidata a vereadora, alguma tradição política e familiar do postulante, algumas pessoas empreendem a construção de sua tradição. Essa tradição se faz de algumas formas, sobretudo imitando as práticas das famílias tradicionais. Em primeiro lugar, a família precisa ser numerosa. Em segundo, são necessários membros com estudo, para produzirem documentos: livros, se possível, ou jornais sobre a família. Em terceiro, mas não menos importante, uma memória genealógica, pois nenhuma família tradicional desconhece seus antepassados. É uma prática corrente das famílias tradicionais expor as fotos dos antepassados em suas casas. Para isso costuma ser separado um canto para o marido e outro para a esposa. Na casa de um casal que freqüente muito, um dos cônjuges faz parte de uma família que luta para colocar-se entre as famílias tradicionais e consequentemente aspirantes a cargos eletivos, um dos passos importantes é a coleta e exposição dos seus antepassados, que no entanto não penetram muito no tempo, pois quanto mais se aprofunda a genealogia, mas rareiam as fotos dos seus antepassados, ao contrario do que ocorre com a família da esposa cujos ancestrais desde há muito dispunham de recursos para tirar retratos. Por fim, é exigido um esforço de unificação da família a fim de votar em um candidato seu para vereador. Embora tenha elegido recentemente seu primeiro vereador nas eleições de 2004, seus esforços são alvos constantes do escárnio de membros da família da esposa, com longa tradição política e intelectual no município.

¹² Essa possibilidade não é original. ela é encontrada em diversas sociedades africanas, por exemplo (Irvine 1978 : 655)

papel fundamental. Alguns laços de parentesco servem para ser esquecidos e outros podem tornar-se objeto de denúncias políticas; o comportamento, a reputação e a moral dos indivíduos sendo reféns de uma sempre referida *força atávica*. Porque é através do parentesco, tanto materno quanto paterno que se herdamos as virtudes e os vícios morais. Prova disso é a surpresa que causa a existência de indivíduos *desmantelados*¹³ no seio de famílias boas, a despeito da frequência com que isso ocorre.

O esquecimento, por sua vez, é um elemento importante do cotidiano. De tudo o que foi dito até aqui, poder-se-ia compreender que os grupos que estudo são compostos exclusivamente de memmosos. A falta de memória, genealógica ou histórica, é freqüente. O estado de abandono da memória municipal, dos prédios antigos, das personalidades políticas e culturais é alvo da crítica dos funcionários encarregados de mantê-las vivas. No entanto, todas as pessoas envergonham-se de seu desconhecimento dos antepassados e da história de seu município. A vergonha que expressam talvez seja proporcional à importância que conferem a elas. E essas pessoas sabem designar aqueles que são capazes de *destrinchar* genealogias e que são conhecedores do passado da região. A conversa sobre relações familiares é ouvida muitas vezes nas ruas. Pode-se ouvir uma criança perguntando a um mais velho se uma pessoa é seu tio ou sua tia, pessoas referir-se a outras sempre referindo as relações de parentesco, sangüíneo, afim, espiritual (que muitas vezes substitui o sangüíneo nos termos de tratamento) ou, por assim dizer, por contágio (pessoas muito próximas, queridas e amigas que acabam recebendo termos apelativos de parentes segundo sua idade).

¹³ O *desmantelo* é uma autêntica categoria nativa que explica o comportamento de grupos cujas dimensões são imprevisíveis, mas que são sempre ligados pelo parentesco. Ser *desmantelado* é uma qualidade moralmente negativa, mas é também a condição de um rádio que não funciona, de uma cadeira que bamboleia, de um carro enguiçado. No domínio dos seres humanos o *desmantelo* se expressa de diversas formas: na casa mal cuidada pela mãe da família, na má educação dos filhos, no roubo, etc. Mas o *desmantelo* é também o resultado do encontro de ações violentas com as instituições estatais. Um indivíduo que mata alguém por vingança ou para não se *desmoralizar* (outra categoria nativa de importância fulcral no Vale do Pajeú cf. Marques 2001; Villela 2001 e Villela 2004) torna-se um *desmantelado* por sua condição de clandestinidade. Não obstante, neste caso, freqüentemente o *desmantelo* não é negativamente avaliado; salvo, é claro, pelas vítimas diretas ou indiretas da ação violenta.

A crítica ao esquecimento não se circunscreve à história ou à genealogia. Ela envolve a política. São criticáveis os eleitores que não sabem em que votaram. Eles são volúveis, *descarados*, são os que mercantilizam o voto, são *desleais*, têm *duas caras*, são aqueles que “prometem mas não cumprem”, são “gente desacreditada”. A memória, neste caso, associa-se à palavra empenhada, aos laços de longa duração, à lealdade e à fidelidade, à credibilidade. Todos esses valores, vale ressaltar, estabelecem regras que são antes de tudo performances que devem ser adequadas à situação vigente. Do contrário deixa-se de ser respeitável para ser “besta”.

Um outro aspecto social, também muitas vezes indissociável da política e do parentesco, determina os caminhos da reconstituição do passado: a violência¹⁴. Vivendo no que se poderia chamar esquematicamente de uma “sociedade de confronto” (Vernant 2001 [1996] :407), ou seja, na qual cada um está colocado sob o olhar do outro, ou, conforme Champagne (1975a), uma sociedade em que existe opinião pública, grupos familiares estão na iminência de envolver-se em conflitos de duração e dimensão variáveis, cujas conseqüências podem ser danos materiais ou mortes ou ainda o envolvimento de instituições estatais de diversos níveis¹⁵. Como ocorre em conflitos desta natureza, a análise das relações de parentesco entra em jogo na avaliação dos alvos preferenciais das ações violentas. No encontro das práticas de vingança de família com as instituições nacionais, uma massa significativa da população cai (ou fica na iminência de cair) na clandestinidade. Destas vinganças familiares – cujo parentesco é um dos

¹⁴ Defino violência, provisoriamente, por conveniência e esforço de síntese, em seu sentido corrente, ou seja, ações voluntárias de um ser humano que resultem em ferimento ou morte de um ou vários outros. No entanto, não há que descurar o fato de que sentidos e objetivos diferentes cercam a palavra segundo as representações nativas. Minha pesquisa para o doutorado revelou que a palavra violência não era usada no Vale do Pajeú no vocabulário oficial ou local durante a Primeira República. Atualmente ela é usada como adjetivo. Certas pessoas, grupos ou lugares são ou não *violentos*.

¹⁵ Veja-se, como exemplo, uma *briga* de família que se tornou objeto de investigação da chamada CPI da Pistolagem e do Narcotráfico, ou outra, alvo de um encontro na Assembléia Legislativa de Pernambuco em 2000, onde se encontraram, além de parlamentares, líderes das partes envolvidas (cf. Marques 2002). Houve ainda neste caso a participação periférica do então ministro da Reforma Agrária, como incentivador da criação de alternativas econômicas ao plantio da maconha, associada, segundo avaliações dos envolvidos, às brigas das famílias.

aspectos e não o determinante¹⁶ - surgem certas figuras muito conhecidas na região: no passado, os *cangaceiros*, os soldados volantes, os *fanáticos*; no presente, os *pistoleiros*, os *mafiosos* e os *maconheiros*. Muitos dos delitos encontrados no Vale do Pajeú (assaltos a bancos, carros-fortes, caminhões, extorsão e seqüestros, tráfico de drogas, etc.) foram ou são, alegadamente, formas de adquirir meios materiais e intangíveis (por meio da ampliação da *fama*) de prosseguir com êxito uma vingança familiar, ou, para usar o vocabulário nativo, uma *questão* (Marques 2001; 2002; Villela 2003). Como mostrou Franco (1997 [1969]) para um outro momento e local, os atos violentos fazem e faziam parte do cotidiano das populações do Vale, tanto no trabalho, quanto no lazer. Assim como foi celebrizado na literatura da antropologia do Mediterrâneo e nas etnografias de sociedades mediterrâneas (e.g. Peristian 1965; Campbell 1964; Abu-Lughod 1986; Bourdieu 1965; Herzfeld 1985; Blok 1974; Wilson 1988; Pitt-Rivers 1971; Bohem 1984), entre os habitantes dos municípios aqui enquadrados existe uma pressão social no sentido de incentivar as ações violentas em caso de vingança.

Nesta chave inserem-se as categorias nativas de *questão* e *fama*. Elas estão associadas, já que *questão* e seu correlativo *intriga* dizem respeito às brigas entre grupos opostos, cuja solidariedade é ativada em função do idioma do parentesco, para as quais são levadas famílias envoltas na *fama* da suscetibilidade em relação a insultos. São pessoas “que não agüentam nada”, ou seja, que reagem a qualquer agravo. Essa *fama* está ancorada num passado familiar sobejamente conhecido e difundido, tanto na memória – quer escrita, quer oral - especializada dos memorialistas, quanto na memória espontânea e difusa dos demais habitantes. Ela é constantemente atualizada na resposta performática esperada de seus membros quando são exigidos. Ela é ativada, tanto no plano discursivo, quanto no dos atos.

¹⁶ Conforme demonstraram Marques (2001; 2002) e Villela (2001; 2003)

Em dos exemplos mais contundentes é o do discurso de um procurador, membro de uma das famílias de longa tradição política e de grande *fama* no município de Monsanto. O discurso foi proferido numa rádio local, tornando-se portanto de domínio público. Seu conteúdo é um violento ataque a um deputado federal nascido em Monsanto, das mais importantes lideranças políticas do país. Diante dos rumores da ameaça de morte do então prefeito, primo do procurador, este último responde da seguinte forma:

Estamos recebendo bilhetes em nossa casa de uma possível morte de dr. Geni. Gostaria que Nossa Senhora da Penha nos ajudasse e nos desse paz e evitasse que não acontecesse isso. Prefiro acreditar que é fofoca, deputado. Nós sabemos que sua família é valente e são poderosos. Só que, deputado, se isso vier a acontecer pode ter certeza que o troco vem no mesmo dia! Mas é no mesmo dia! A não ser que haja vários suicídios em nossa irmandade. Deputado, nós não somos pertencentes a famílias pacatas de Serra Talhada que já viram seus entes serem assassinados e ficou por isso mesmo. Nós não somos de tanta paz como teve a família de Joaquim Careca. Pessoa que o levaram de dentro de seu estabelecimento comercial pedindo pelo amor de Deus para não morrer e foi morto covardemente na propriedade de Jair Ferraz, de Jair Ferraz! Na fazenda Barroquinha. Repito: nós queremos a paz, mas se o sino tocar, deputado, todo pau que der em Chico é o mesmo que vai dar em Francisco, pode ter certeza! Para nós bebermos água juntos vai ser difícil. E abaixo de Jesus todo mundo é igual.

O procurador afirma a *fama* de sua família que desempenha o papel de dissuasor. Simultaneamente mostra que responderá à altura da expectativa que tal *fama* exige dos seus portadores. Se for insultado, responderá violentamente e com presteza¹⁷

Ademais, calcado na pesquisa empírica, mas também em outros textos que enfocam conflitos envolvendo vingança familiar (e.g. Evans-Pritchard 1940, 1959, Bohem 1984, Black-Michaud 1973, Peters 1967, Pinto 1943, Verdier 1980, Marques 2002; Otterbein 1994, Wilson 1988), a própria idéia de vingança implica na reconstituição constante do tempo passado que influencia a seqüência da avaliação dos alvos no presente e no futuro, e, portanto, das condutas. *Questão*, assim, é algo que, segundo a

¹⁷ Considera-se por vezes que a vingança deverá ser feita rapidamente para que as duas vítimas sejam sepultadas “no mesmo dia”. Atitude freqüentemente criticada, contudo, por não possibilitar cálculos adequados sobre o alvo preferencial da vingança e abrir flanco para equívocos que podem ampliar o leque nos inimigos.

fórmula nativa, “não se acaba”; é cálculo e reminiscência, prospecção e recuperação¹⁸. Elas são capazes de formular condutas no detalhe do itinerário, da freqüentação de bares, dos assuntos abordados diante de certo público. E essa formulação remete necessariamente ao passado e a uma certa construção dele segundo a seqüência de mortes e vinganças entre as partes envolvidas. As *intrigas* e as *questões* são conjuntos de atos violentos – ou sua evitação cuidadosa – que remetem necessariamente a uma determinada reconstrução atual do passado, mas também a uma certa atualização do passado no presente e um cálculo que mira o futuro.

Os diversos “sistemas vindicativos” (Verdier 1980) costumam remeter à força do sangue, tal como sugeriram algumas clássicas explicações da evolução das vinganças privadas à Justiça (Mauss 1994). Os mortos pedem vingança e tornam-se temidos por seus parentes, revelam algumas etnografias (e.g. Iteanu 1980; Charachdze 1980; Hamayon 1980). O tema do sangue, bem como o da captura do “sistema vindicativo” (Evans-Pritchard 1940; Fortes e Evans-Pritchard 1940; Radcliffe-Brown s/d [1940]; Otterbein 1994; Carrol 2003) pelo Direito e vice-versa, remetem a três aspectos de vivo interesse para esta pesquisa. Um deles é o que envolve as solidariedades passiva e ativa; o segundo o das mediações pacificadoras e o terceiro, mas não de menor importância, o das compensações. Os dados que levantei até o momento revelaram que o sangue é expresso sob uma terminologia rebuscada no Vale. Ele é recurso argumentativo para exigência de solidariedade, no campo das acusações e elogios de condutas, uma vez que através do sangue herdavam-se características comportamentais. Formula também solidariedades passivas, pois o sangue inimigo deve correr muitas vezes independentemente do envolvimento direto dos alvos na contenda. É ainda condutor de mediação, pois os pacificadores de conflitos, além de autoridades locais – prefeitos,

¹⁸ Trata-se portanto, e pesem as diferenças, de um processo semelhante ao descrito por Bourdieu (1963) a respeito dos Cabília. Suas relações com o futuro visam um tipo de previsão que está duramente sujeita à tradição, à imitação do passado e aos “valores legados pelos antepassados” (Bourdieu 1963 :28).

juízes, vereadores, deputados, comerciantes -, são também membros destacados das famílias envolvidas. O sangue, portanto, é condutor do sistema de reparações, retratações e composições feitas entres as partes em conflito¹⁹. As compensações parecem ser tímidas. Os dados existentes até agora revelam que elas surgem sob a forma do exílio, mas também como gastos de saúde com feridos ou funerários com os mortos.

4. Reflexões Parciais

Política, parentesco e violência no Vale do Pajeú andam juntas. É raro que se encontrem discursos a respeito de um dos temas desamparados pelos outros dois ou ao menos por um dos outros dois. É sempre possível que se fale de vingança sem que haja associação com a política e é sempre possível que se fale de política sem que haja associação com a violência. Não obstante, a associação entre os três elementos é tão íntima que uma conversa aprofundada sobre qualquer dos temas conduzirá aos outros dois. E, qualquer que seja o tema de diálogo, sempre o parentesco surgirá como presença constante quer se trate de política, quer se trate de violência. Quando um dos dois últimos aparecem sem associação com o primeiro, surgem sob a imagem de uma ameaça, de algo descontrolado. É o signo definitivo, o último avatar, da desordem que assola o mundo no presente.

A memória, espécie de maquinismo que se situa no interior de cada um dos temas, costuma também reparar as esgarçaduras ou a rasgar o tecido de determinadas relações. Um eleitor costuma lembrar-se do tanto que vez por certo político – ou por certa família ligada à política – para explicar sua mudança de lado. Pode, certamente, lembrar-

¹⁹ Não é nova, e nem sequer remonta a Bourdieu (1965, 1980, 1992) a ligação entre vingança de sangue e reciprocidade. Ela aparece já em Mauss, no terreno das ciências sociais, mas também em Bergson (1932), Nietzsche (1888) e Baudrillard (*apud* Verdier 1980 :38), no campo da filosofia.

se também de tudo o que recebeu para justificar seu voto. Costumam ser lembradas mortes de parentes – ou mortes executadas por parentes – em *questões* passadas, mas que permanecem presentes durante um período indeterminado. Enfim, a genealogia, domínio dos memorialistas, cujos fragmentos são de domínio variavelmente aprofundado de todas as pessoas, é um meio, um recurso mnemônico de produção de reputações pessoais e coletivas.

A memória é ainda, também como quadro para a ação, meio de avaliação do presente. Ela é crítica do presente, quando funciona como “nostalgia estrutural” e transforma o passado em tempo de ordem. Ela é benevolente ao avaliar o passado como o tempo do atraso e identifica no presente a época do “tempo bom”, ou seja, aquele no qual as pessoas não precisam enfrentar as incríveis dificuldades existentes no passado.

BIBLIOGRAFIA

- ABU-LUGHOD, Lila 1986 *Veiled Sentiment. Honor and Poetry in a Bedouin Society*. Berkeley: University of California
- APPADURAI, Arjun 1981 "The Past as a Scarce Resource". *Man*. Vol. 16, no. 2.
- BARLETT, Frederic C. 1932 *Remembering. A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARNES, J.A. 1967 "Genealogies". In: *The Craft of Social Anthropology*. Arnold L. Epstein (org.). Londres Tavistock.
- BLACK-MICHAUD, Jacob 1973 *Cohesive Force. Feud in the Mediterranean and Middle East*. Nova Iorque: St. Martin's Press.
- BERGSON, Henri 1932 *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*. Paris:PUF.
- _____ 1934 [1896] *Matière et Mémoire. Essai sur la relation du corps a l'esprit*. Paris: Felix Alcan.
- BLOCH, Maurice 1977 "The Past and the Present in the Present". *Man*. Vol. 12, no. 2.
- BLOK, Anton 1974 *The Mafia of a Sicilian Village, 1860-1960. A study of violent peasant entrepreneurs*. Illinois: Waveland Press.
- BOHEM, Christopher 1984 *Blood Revenge. The enactment and management of conflict in Montenegro and other tribal societies*. Pennsylvania: The University of Pennsylvania Press.
- BOHANAN, Paul 1953 "Concepts of Time Among the Tiv of Nigeria". *Southwestern Journal of Anthropology*, 9.
- BOSI, Ecléa 1983 *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- BOURDIEU, Pierre 1963 "La Société Traditionnelle. Attitude à l'égard du temps et conduite économique". *Sociologie du Travail*, 1.
- _____ 1965 "O Sentimento da Honra na Sociedade Cabília". In: *Honra e Vergonha. Valores das Sociedades Mediterrâneas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- _____ 1980 *Le Sens Pratique*. Paris: Minuit.

- _____ 1996 "Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom". *Mana – Estudos de Antropologia Social*. Vol. 2, no. 2.
- CAMPBELL, JOHN K. 1964 *Honour, Family and Patronage. A study of institutions and moral values in a greek mountain community*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- _____ 1992 "The Greek Hero". In: J. G. Peristiany e J. Pitt-Rivers (orgs.) *Honor and Grace in Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CÂNDIDO, Antonio 1951 "The Brazilian Family". In: *Brazil. Portrait of a half continent*. T. Lynn Smith e A. Marchant (orgs.). Nova Iorque: Dryden Press.
- CAÑEDO, Letícia B. CAÑEDO, Letícia B. 1994 "Caminhos da Memória: parentesco e poder". *Textos de História*. Vol. 2, no. 3
- _____ 1998 "La Production Généalogique – et les modes de transmission d'un capital politique familial dans le Minas Gerais Brésilien". *Genèses*, 31.
- CARROL, Suart 2003 "The Peace in the Feud in Sixteenth- and Seventeenth-Century France". *Past and Present*, no. 178.
- CHAMPAGNE, Patrick 1975 "La restructuration de l'Espace Villageois". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. N. 3.
- _____ 1975a "Les Paisans à la Plage". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. N.2.
- CHARADCHDZE, Georges 1980 "Types de Vendetta au Caucase". In: *La Vengeance II. La Vengeance dans les Sociétés Extra Occidentales*. Raymond Verdier (org.) Paris: Cujas.
- CLASTRES, Pierre 2004 [1977] "Infotúnio do Guerreiro Selvagem". In: *Arqueologia da Violência*. São Paulo: Cosac Naify.
- COHEN, A.P. e COMAROFF, J.L. 1976 "The Management of Meaning: on the fenomenology of political transactions". In: *Transaction and Meaning: directions in the anthropology of exchange and symbolic behavior*. B. Kapferer (org.). Filadelfia: Institute for the Study of Human Issues.
- CORREIA, José Gomes Mimeo *O Canto da Asa Branca. Fatos da minha vida e histórias que ouvi contar*.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1980. *Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrenie 2*. Paris: Minuit.
- DETIENNE, Marcel 1967 *Lês Maîtres de la Vérité dans la Grèce Archaïque*. Paris: François Maspero.
- DUBY, Georges S/D *Guilherme, o Marechal*. Lisboa: Gradiva.
- _____ 1988 [1973] *El Domingo de Bouvines*. Madrid: Alianza Editorial
- EVANS-PRITCHARD, Edward 1940 *The Nuer. A description of the modes of livelihood and political institutions of a nilotic people*. Oxford: Clarenton.
- _____ 1973 [1955] *The Sanusi of Sirenaica*. Oxford: Clarenton Press.
- FAVRET, Jeanne 1968. "Relations de Dépendence et Manipulation de la Violence en Kabile". *L'Homme*, vo. 8, n. 4. Pp. 18-44.
- FERRAZ, Álvaro (2003 [1957]) *Floresta. Memórias duma cidade sertaneja no seu cinquentenário*. Floresta: Prefeitura Municipal de Floresta.
- FERRAZ, Antonio C. de S. 1999 *História Municipal de Floresta. Os vales, o povo, a evolução sociocultural e econômica*. Recife: Biblioteca Pernambucana de História Municipal.
- FERRAZ, Marilourdes 1978 *O Canto do Acauã. Das Memórias de Manuel Flor, Ex-Comandante das Forças Volantes*. Belém: S/N.
- FORTES, M. e EVANS-PRITCHARD, E.E. 1940 *African Political Systems*. Londres: Oxford Universal Press.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho 1997[1969] *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Editora.
- GOMINHO, Fortunato de Sá mimeo *Memórias 3: Política e administração*.
- GOMINHO, Leonardo Ferraz 1992 *A Rebelião da Serra Negra. A Praieira do Sertão*. Recife: s/n.
- _____ 1996 *Floresta. Uma terra – um povo*. Floresta: Centro de Estudos de História Municipal. 2 vol.
- GOODY, Jack 1968 "Time: Social Organization". In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Vol. 15,16,17.
- HALBWACHS, Maurice 1912 *La Classe Ouvrière et les niveaux de vie. Recherches sur la hiérarchie des besoins dans les sociétés industrielles contemporaines*. Paris Felix Alcan
- _____ 1925 *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Mouton
- _____ 1929 [1924] "Étude Sommaire de: La Représentation du Temps dan la Religion et la Magie". In: H. Hubert e M. Mauss (orgs.) *Mélanges d'Histoires des Religions*. Paris: Felix Alcan.
- _____ 1997 [1950] *La Mémoire Collective*. Paris: Albin Michel.

- HAMAYON, Roberte 1980 "Mérite de l'Offensé Vengeur, Plaisir du Rival Vainquer. Le mouvement ascendant des échanges hostiles dans deux sociétés mongoles". In: Raymond Verdier (org.) *La Vengeance II*. Paris: Cujas
- HERZFELD, Michael 1985 "Lévi-Strauss in the Nation State". *Journal of American Folklore*. Vol. 388 :191-208.
- _____ 1991 *A Place in History. Social and monumental time in a Cretan town*. Princeton: Princeton University Press.
- _____ 1997 *Cultural Intimacy: social poetics in the nation-state*. Nova Iorque: Routledge.
- _____ 2004 *The Body Impolitic. Artisans and artifice in the Global Hierarchy of Value*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HILL, Jane H. 1992 "'Today There is no Respect': Nostalgia, 'Respect, and Oppositional Discourse in Mexico (Nahuatl) Language Ideology'". *Pragmatics* 2 :263-280.
- HOBSBAWM, Eric 1972 [1969] *Les Bandits*. Paris: François Maspero.
- HOBSBAWM, Eric J. e Ranger O. Terence 1983 *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- IRVINE, Judith 1978 "When is Genealogy History? Wolof Genealogies in Comparative Perspective". *American Ethnologist*, vol. 5, n. 4, pp.651-674.
- ITEANU, André (1980) "Qui as-tu Tué pour Demander la Main de ma Fille?". In: Raymond Verdier (org.) *La Vengeance II*. Paris: Cujas.
- LIRA, João Gomes de 1990 *Lampião: Memórias de um soldado volante*. Recife: Fundarpe.
- LORENA, Luiz 2001. *Serra Talhada. 250 anos de história, 150 anos de emancipação política*. Serra Talhada: Sertagráfica.
- MALINOWSKI, Bronislaw 1922 *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge and Kegan Paul.
- MARQUES, Ana Claudia 2001 "Justiça e Ajustes Sociais". *Civitas*: I, 2.
- _____ 2002 *Intrigas e Questões. Vingança de família e tramas sociais no Sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- _____ 2002a "Política e Questão de Família". *Revista de Antropologia*. Vol. 45, n. 2.
- MAUSS, Marcel 1969 [1896] "La Religion et les Origines du Droit Penal d'Après un Livre Recent. Analyse Critique du Livre de M. R. Steinmetz". In: Victor Karady (org.) *Oeuvres* 2. Paris: Minuit.
- NIETZCHE, Friedrich 1912[1888] *La Généalogie de la Morale*. Paris: Mercure de France.
- NOVAES DE SÁ, Nivalda F. 1998 *Genealogia do Casal Pedro Joaquim e Gertrudes Maria de Sá*. Floresta: s/n.
- OTTERBEIN, Keith F. 1994 *Feuding and Warfare. Selected works of Keith F. Otterbein*. Amsterdã: OPA.
- PALMEIRA, Moacir e HEREDIA, Beatriz 1993 "Le Temps de la Politique". *Études Rurales*, 131-132.
- PEEL, J.D.Y. 1984 "Making History: the past in the ljesha present". *Man*. Vol. 19, no. 1.
- PERISTIANI, J. G. 1988 [1965] "Introdução". In: *Honra e Vergonha. Valores das Sociedades Mediterrâneas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PETERS, Emrys 1967 "Some Structural Aspects of the Feud among the Camel-Hearing Bedouin of Cirenaica". *África*, 37.
- _____ "Local History in two Arab Societies". *Bulletin (British Society for Middle Eastern Studies)*, vol. 4, n. 2 :71-81.
- PINTO, Luiz A. da Costa 1943 "Lutas de Famílias no Brasil (era colonial)". *Revista do Arquivo Municipal*, vol. 88.
- PITT-RIVERS, Julien 1971 *People of the Sierra*. Chicago: Chicago University Press.
- POLLACK, Michael 1989. "Memória, esquecimento, silêncio", *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, no. 3.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. 1940 [s/d] In: *Sistemas Políticos Africanos*. M. Fortes e E.E. Evans-Pritchard. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- RABINOW, Paul 1975 *Symbolical Domination, Cultural Form and Historical Change in Morocco*. Chicago: University of Chicago Press.
- REMJINSE, Simone 2003 *Memories of Violence. Civil patrols and the legacy of conflict in Joyabaj, Guatemala*. Amsterdam: Rozenberg Publishers.
- SANTOS, Myriam S. dos 2003. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume
- SAHLINS, Marshall 2000 [1981] *Historical Metaphors and Mythical Realities. Structure in the early history of the Sandwich islands kingdom*. S/I: The University of Michigan Press.
- _____ 1994 [1985] *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- SCHNEIDER, David M. 1980 [1968] *American Kinship. A cultural account*. Chicago: The University of Chicago Press
- TORRES F^o, Geraldo F. 2004 *Theophanes Ferraz Torres. Um Herói Militar na Cavalaria de Pernambuco*. Recife: S/N.
- VERDIER, Raymond 1980 "Le Système Vindicatoire. Esquisse théorique". In: Raymond Verdier (org.) *La Vengeance I. La vengeance dans les sociétés extra-occidentales*.
- VERNANT, Jean-Pierre 1991 "L'Honneur. Image de soi ou don de soi: un idéal équivoque". *Autrement*, n. 3.
- _____ 2001 [1996] *Entre Mito e Política*. São Paulo: Edusp.
- VILLELA, Jorge Mattar 2001 "Societas Sceleris: cangaço e formação de bandos armados no Sertão de Pernambuco". *Civitas*. 1, 2.
- _____ 2003 *O Povo em Armas. Violência e política no sertão de Pernambuco*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. PPGAS-Museu Nacional/UFRJ.
- _____ 2004 *O Povo em Armas. Violência e Política no Sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: relume Dumará.
- _____ "O Dinheiro e suas Diversas Faces nas Eleições Municipais no Sertão de Pernambuco". *Mana* 11/1 (no prelo).
- VILLELA, J.M. e MARQUES, A.C. 2002 "Sobre a Circulação de Recursos nas Eleições Municipais no Sertão de Pernambuco". In: B. Heredia, C. Teixeira e I. Barreira (orgs.) *Como se Fazem Eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- WILSON, Luiz 1974. *Vila Bela, os Pereiras e outras Histórias*. Recife: Ed. Universitária
- _____ 1978 *Roteiros de Velhos e Grandes Sertanejos*. Recife: Centro de Estudos de História Municipal 3 vol.
- WILSON, Stephen 1988 *Feuding, Conflict and Banditry in Nineteenth-century Corsica*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZONABEND, Françoise 2000 "Les Maîtres de Parenté. Une femme de mémoire en Basse-Normandie". *L'Homme*, 154-155.